

# ACESSIBILIDADE DO AMBIENTE CONSTRUÍDO PARA AUTISTAS

## RESUMO

O crescimento no número de diagnósticos de autistas evidencia a necessidade de ambientes construídos mais acessíveis e inclusivos. Embora a acessibilidade arquitetônica tenha avançado, grande parte dos projetos ainda desconsidera as especificidades sensoriais e cognitivas desse público, o que pode gerar sobrecarga sensorial, desconforto e dificuldades de permanência. Dessa forma, o estudo tem como objetivo discutir como os fundamentos do design sensorial podem orientar a criação de ambientes mais acessíveis e inclusivos para autistas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura, a partir do levantamento de produções acadêmicas e documentos normativos nacionais e internacionais publicados entre 2010 e 2025. Os resultados indicam que diretrizes relacionadas à acústica, ao sequenciamento espacial, à compartimentalização, às zonas de transição, aos espaços de escape, ao zoneamento sensorial e à segurança contribuem para a redução da ansiedade, o aumento da autonomia e a promoção do bem-estar. Conclui-se que a incorporação do design sensorial amplia o conceito de acessibilidade ao integrar dimensões físicas, sensoriais e emocionais, fortalecendo o papel social da arquitetura na construção de ambientes mais inclusivos.

**Palavras-chave:** acessibilidade; autismo; arquitetura sensorial; inclusão; design sensorial.

## 1 INTRODUÇÃO

A acessibilidade e a inclusão têm assumido papel central nos debates contemporâneos da arquitetura e do urbanismo, especialmente no que se refere à criação de ambientes capazes de atender à diversidade humana. No caso dos autistas, a configuração física e sensorial dos espaços exerce influência direta sobre o comportamento, o conforto e o bem-estar, tornando o ambiente construído um elemento mediador fundamental dessas experiências (Mostafa, 2018).

Dados recentes indicam um aumento expressivo no número de diagnósticos de autismo, o que reforça a urgência de adaptações nos espaços arquitetônicos. No Brasil, cerca de 2,4 milhões de pessoas possuem diagnóstico em autismo, correspondendo a aproximadamente 1,2% da população, com maior prevalência na infância. Apesar desse cenário, muitos ambientes ainda são pro-

Amando Candeira Costa Filho  
Doutor Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Docente do curso de arquitetura e urbanismo  
da Unichristus  
<https://orcid.org/0009-0003-9965-2307>  
amando.costa@unichristus.edu.br

Ana Victória Santiago Fialho  
Graduanda em arquitetura e urbanismo  
(Unichristus)  
<https://orcid.org/0009-0002-0489-8543>  
ana.victoria.s14092005@gmail.com

Catarina Cursino de Sousa  
Graduanda em arquitetura e urbanismo  
(Unichristus)  
<https://orcid.org/0009-0006-6382-1203>  
Catarinacursino@gmail.com

Erica Marcilon Nottingham Barros  
Graduanda em arquitetura e urbanismo  
(Unichristus)  
<https://orcid.org/0009-0004-4327-1721>  
Ericamarclionnottingham@gmail.com

Maria Eduarda Teles Rocha  
Graduanda em arquitetura e urbanismo  
(Unichristus)  
<https://orcid.org/0009-0007-6042-6619>  
Mdudateles739@gmail.com

Letícia Keroly Bezerra Alexandrino  
Doutoranda e mestra em psicologia ambiental,  
arquiteta e urbanista, docente e coordenadora  
do curso de arquitetura e urbanismo  
(Unichristus)  
<https://orcid.org/0000-0002-0716-9429>  
Leticia.alexandrino@unichristus.edu.br

Autor correspondente:  
Letícia Keroly Bezerra Alexandrino  
E-mail: [leticia.alexandrino@unichristus.edu.br](mailto:leticia.alexandrino@unichristus.edu.br)

Submetido em: 29/12/2025  
Aprovado em: 30/12/2025

Como citar este artigo:  
COSTA FILHO, Amando Candeira; FIALHO,  
Ana Victória Santiago; SOUSA, Catarina  
Cursino de; BARROS, Erica Marcilon  
Nottingham; ROCHA, Maria Eduarda Teles;  
ALEXANDRINO, Letícia Keroly Bezerra.  
Acessibilidade do ambiente construído para  
autistas. **Revista Interagir**, Fortaleza, v. 24, n.  
130, p. 32-34, 2026.

jetados segundo padrões convencionais, desconsiderando particularidades sensoriais que podem provocar sobrecarga, desorganização e dificuldades de adaptação (IBGE, 2022).

Nesse contexto, destaca-se a Teoria do Design Sensorial, proposta por Magda Mostafa, que apresenta diretrizes projetuais voltadas às necessidades sensoriais de autistas, como controle acústico, sequenciamento espacial, compartimentalização, zonas de transição, espaços de escape e segurança. Assim, o presente estudo tem como objetivo discutir como os fundamentos do design sensorial podem orientar a criação de ambientes mais acessíveis e inclusivos para autistas (Alexandrino, 2022; Mostafa, 2018).

## 2 MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. Essa abordagem permitiu a análise interpretativa de estudos relacionados à acessibilidade no ambiente construído e às necessidades sensoriais e cognitivas dos autistas.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre abril e maio de 2025, contemplando artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos normativos nacionais e internacionais publicados nos últi-

mos dez anos. As buscas ocorreram em bases como Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave “arquitetura”, “design sensorial”, “acessibilidade”, “inclusão” e “ambientes sensoriais adaptados”, combinadas ao termo “autismo”.

As publicações selecionadas foram submetidas à análise de conteúdo, com o objetivo de identificar conceitos, diretrizes e soluções projetuais aplicáveis à arquitetura voltada ao público autista. Os dados foram organizados em eixos temáticos e discutidos à luz dos princípios do design sensorial, considerando sua aplicação em diferentes tipologias arquitetônicas.

## 3 RESULTADOS

A acessibilidade, conforme a Norma Técnica Brasileira 9050, refere-se à utilização autônoma e segura dos espaços. Entretanto, no caso dos autistas, esse conceito precisa ser ampliado para incluir dimensões sensoriais, cognitivas e emocionais, uma vez que a percepção ambiental influencia diretamente o comportamento, o conforto e a autorregulação (Mostafa, 2018; Alexandrino, 2022).

Estímulos como ruídos, iluminação intensa, cores, texturas e odores podem gerar sobrecarga sensorial, ansiedade e dificuldades de permanência em ambientes não adaptados, reforçando o papel do ambien-

te construído como mediador das experiências sensoriais (Souza; Nunes, 2019; Mas, 2018). Nesse sentido, a arquitetura deve atuar no controle e na organização dos estímulos, promovendo previsibilidade, segurança e bem-estar (Mostafa, 2018).

A Teoria do Design Sensorial propõe diretrizes projetuais voltadas às necessidades sensoriais de autistas, estruturadas em princípios como acústica, sequenciamento espacial, compartimentalização, zonas de transição, zoneamento sensorial, espaços de escape e segurança (Mostafa, 2018). A aplicação desses princípios contribui para a redução da ansiedade, o aumento da autonomia e a melhoria da interação com o espaço em diferentes tipologias arquitetônicas (Silva, 2020; Souza, 2017; Alexandrino, 2022).

Os resultados da revisão indicam consenso quanto à relevância da legibilidade espacial e do controle acústico, frequentemente apontados como fatores críticos para evitar crises sensoriais (Silva, 2020; Souza, 2017). A iluminação ajustável e livre de ofuscamento, a escolha criteriosa de materiais e a presença de espaços de escape também se destacam como elementos essenciais para o conforto ambiental e a autorregulação emocional (Mostafa, 2018; Souza; Nunes, 2019; Alexandrino, 2022).

Além disso, a organização funcional e a segurança física favorecem a independência e a permanência dos usuários (Mas, 2018; Alexandrino, 2022).

Apesar dos avanços teóricos, a literatura nacional ainda apresenta limitações, com predominância de estudos qualitativos e descritivos e escassez de avaliações pós-ocupação que mensurem empiricamente os efeitos do ambiente sobre o comportamento dos autistas, evidenciando a necessidade de ampliar pesquisas aplicadas e metodologias adaptadas à realidade brasileira (Silva, 2020; Souza; Nunes, 2019).

## 4 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo evidenciam que a acessibilidade para autistas deve ir além da dimensão físico-funcional, incorporando aspectos sensoriais, cognitivos e emocionais do ambiente construído. A forma como o espaço é percebido influencia diretamente o comportamento, o conforto, a autonomia e a sensação de segurança, reforçando o papel da arquitetura como instrumento de inclusão e promoção do bem-estar.

A análise da literatura indica que ambientes projetados com controle sensorial, previsibilidade espacial e conforto contribuem para a redução da sobrecarga sensorial e para o fortalecimento da autonomia dos autistas. Nesse sentido, o

design sensorial se apresenta como uma estratégia capaz de ampliar o conceito de acessibilidade, ao considerar a diversidade de experiências perceptivas.

Conclui-se que projetar para autistas significa projetar para todos, uma vez que soluções sensíveis e humanizadas qualificam o espaço de forma universal. Assim, a arquitetura assume um papel fundamental na construção de ambientes mais inclusivos, acolhedores e socialmente responsáveis.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRINO, L. K. B. A interrelação entre os adultos autistas e os ambientes de instituições de atendimento. 2022. 260 f. Dissertação de mestrado — UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Censo Demográfico 2022: Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf>. Acesso em: 23 junho 2025.
- MAS, N. A. Transtornos do Espectro Autista: história da construção de um diagnóstico. 2018. 103 f. Dissertação de mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MOSTAFA, M. Designing for autism: an aspectss™ post-occupancy evaluation of learning environments. International Journal of Architectural Research: ArchNet-IJAR, v. 12, n. 3, p. 308, 4 nov. 2018.
- SILVA, S. C. Acessibilidade para estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior. 2020. 281 p.

Dissertação de doutorado — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA, B. K. S. Desenvolvimento atípico e inclusão: concepções de estudantes de Ciências Naturais. 2017. 28 p. Monografia de graduação — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOUZA, R. F.; NUNES, D. R. P. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. Revista Educação Especial, v. 32, p. 22, 18 mar. 2019.